







Louco Amor

**SOBREPUJADO PELO
DEUS INCANSÁVEL**

FRANCIS CHAN

com Danae Yankoski

Traduzido por OMAR DE SOUZA



mundo **cristão**
São Paulo

Copyright © 2008 por Francis Chan
Publicado originalmente por David C. Cook, Colorado, EUA

Editora responsável: Silvia Justino
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Revisão: Josemar de Souza Pinto
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Chan, Francis

Louco amor: maravilhado com um Deus que nunca muda / Francis Chan, Danae Yankoski; traduzido por Omar de Souza. — São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

Título original: Crazy Love
ISBN 978-85-7325-564-5

1. Deus - Amor 2. Vida cristã I. Yankoski, Danae II. Título.

08-11018

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida espiritual : Cristianismo 248.4

Categoria: Inspiração

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: março de 2009

Pai celestial, obrigado por sua graça. Seu perdão é tão grande que, às vezes, tenho dificuldade para acreditar. Obrigado por me resgatar de mim mesmo e por me conceder o seu Espírito Santo. Seu amor é melhor que a vida.

*À minha melhor amiga, Lisa, por ser uma esposa e mãe generosa,
linda e maravilhosa.*

Agradecimentos

Obrigado a...

Danae Yankoski por dedicar o coração e tanto esforço a este livro.

Don e Jenni, da DC Jacobson e Associados, por seu incentivo e sua ajuda.

Todd e Joshua, por servirem à igreja e à faculdade, cuja liderança Deus lhes entregou.

Minha assistente, Sandy, por ser uma senhora tão legal e solícita.

Membros da Igreja Pedra Angular, por buscarem a Deus ao meu lado com paixão.

Sumário

Apresentação	13
Prefácio	15
Capítulo 1: Pare de orar	21
Capítulo 2: Talvez você não chegue ao fim deste capítulo	35
Capítulo 3: Louco amor	49
Capítulo 4: Perfil do cristão morno	61
Capítulo 5: Servindo restos a um Deus santo	79
Capítulo 6: Quando você ama	97
Capítulo 7: O melhor da vida... mais tarde	111
Capítulo 8: Perfil do obsessivo	125
Capítulo 9: Quem consegue viver desse jeito?	143
Capítulo 10: O xis da questão	159
Sobre os autores	171

Apresentação

É com grande entusiasmo e muita honra que tenho a oportunidade de apresentar aos leitores meu amigo Francis Chan. Francis é uma daquelas pessoas raras que encontramos na vida e que nos despertam o desejo de sermos melhores como seres humanos — sabe como é, um amigo melhor, um vizinho melhor, um atleta melhor (bem, talvez não um atleta melhor... eu consigo derrotar Francis na maioria das coisas que envolvem competição). Mas o mais importante é que Francis faz você desejar mais de Jesus. Se você ficar perto dele por mais de meia hora, logo vai perceber que se trata de um homem de grande visão e determinação no que diz respeito à missão de Jesus. Algumas pessoas podem dizer que Francis tem um quê de idealista ao imaginar que uma vida é suficiente para fazer diferença neste mundo. Mas eu diria que ele é o último realista que restou. Quer dizer, alguém que acredita que Deus é, de fato, quem afirma ser, e que a única verdade desta vida é seguir esse Deus de todo o coração.

O livro que você tem em mãos, *Louco amor*, pode até ser o mais desafiador — além da Palavra de Deus — que você lerá este ano. (E nos próximos anos, diga-se de passagem.) O *status quo* e as normas da chamada “vida cristã”, sob os quais tantos de nós estamos acostumados a viver, são garantia de desastre! Você não acha curioso o fato de a parte final de Atos 11:26 dizer: “Em Antioquia, os discípulos foram pela primeira vez chamados cristãos”? O que

considero mais interessante é a simples idéia de que não foram os cristãos que inventaram este nome para si. Em vez disso, eles foram chamados (ou designados) “cristãos” por aquelas pessoas que observavam a vida que eles levavam. Fico pensando se a mesma coisa aconteceria hoje em dia. Será que alguém seria capaz de olhar para sua vida ou para a minha e nos chamar de “cristãos”? Com certeza, uma pergunta diante da qual não dá para permanecer na arrogância.

Louco amor é o título perfeito para este livro. Quando perguntaram a Jesus: “... qual é o maior mandamento da Lei?”, ele respondeu: “O amor”. “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento”. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22:37-39).

Como Francis ilustra com tanto brilhantismo, a vida à qual Jesus nos chama é completa loucura aos olhos do mundo. Não há dúvida de que acreditar em Deus é bom e politicamente correto, mas amá-lo de verdade é outra história bem diferente. Sim, fazer doações aos pobres na época do Natal ou ajudar as vítimas de uma tragédia é um belo gesto de generosidade, mas sacrificar o próprio conforto e bem-estar pelos outros pode parecer maluquice diante de um mundo tão seguro e tranqüilo.

Eu me senti extremamente desafiado pelas páginas que você está prestes a ler, e me sinto entusiasmado pelo fato de você estar mergulhando neste livro tão necessário. Encorajo você a encarar as convicções presentes no texto de *Louco amor*. Sei que seu coração e seu espírito serão motivados a voltar ao primeiro amor.

Chris Tomlin

Compositor e líder de adoração musical das Conferências Passion

Prefácio

*Ler a Bíblia, freqüentar a igreja e evitar os “grandes”
pecados — seriam esses os sinais de um amor
apaixonado e sincero por Deus?*

François Fénelon, *The Seeking Heart* [O coração que busca]

Todo mundo sabe que tem alguma coisa errada.

No início, eu achava que era apenas comigo. Foi então que me vi diante de 20 mil universitários cristãos e perguntei: “Quantos de vocês já leram o Novo Testamento e questionaram até que ponto nós, as pessoas que freqüentam as igrejas, não conseguimos entendê-lo direito?”. Ao ver que quase todas as mãos foram erguidas, eu me senti mais à vontade. No mínimo, não estou maluco.

Neste livro, vou fazer algumas perguntas bem difíceis. Elas vão mexer com algo que muitos de nós sentimos, mas geralmente temos medo de articular e analisar. Não se preocupe; não se trata de mais um livro escrito com o objetivo de criticar as igrejas. Acho que é muito fácil jogar a culpa sobre a igreja sem reconhecer que todos nós fazemos parte dela e somos, portanto, responsáveis pelo problema. Mas acredito que todo mundo sente — até mesmo quem nunca verbalizou esse sentimento — que a igreja não está indo bem em vários aspectos.

Fico nervoso quando penso em como nos afastamos daquilo que deveríamos ser, e triste ao refletir sobre como estamos longe de tudo quanto Deus desejava para o povo pelo qual entregou a própria vida.

Nem sempre me senti assim. Fui criado acreditando em Deus sem ter a menor idéia de como ele seria. Eu me apresentava como cristão, estava bastante envolvido na igreja e tentava me manter afastado de tudo o que os “bons cristãos” evitam: bebidas, drogas, sexo ilícito, blasfêmia. O cristianismo era bem simples: lute contra seus desejos para agradar Deus. Toda vez que eu cometia um erro (o que acontecia com frequência), saía por aí me sentindo culpado e distante de Deus.

Olhando para trás, não acho que os ensinamentos que recebi na igreja estivessem errados; apenas incompletos. Minha visão de Deus era estreita e reduzida.

Agora sou um homem casado, pai de quatro filhos e pastor de uma igreja no sul da Califórnia. Até alguns anos atrás, eu era uma pessoa satisfeita com a maneira como Deus estava trabalhando em minha vida e na igreja. Foi então que Deus começou a mudar o meu coração. Isso aconteceu, em grande medida, durante os períodos que passei lendo a Palavra. A convicção que senti por meio dos ensinamentos contidos nas Escrituras, combinada com muitas experiências em países do terceiro mundo, mudou tudo. Algumas quebras de paradigmas muito sérias ocorreram em minha vida e, conseqüentemente, em nossa igreja.

O resultado é que nunca me senti mais vivo, e o mesmo aconteceu com a Igreja Pedra Angular. É muito divertido fazer parte de um grupo de cristãos dispostos a pensar em termos bíblicos, e não de maneira convencional; de uma comunidade na qual a vida radical está se tornando o modelo.



Este livro foi escrito para todas as pessoas que querem mais de Jesus. É para aqueles que já não agüentam mais aquilo que o cristianismo institucional tem a oferecer. É para quem não quer mais se acomodar, gente que prefere morrer antes de ver suas convicções desfeitas.

Espero que a leitura deste livro convença você de algo muito importante: que, ao se render totalmente aos propósitos de Deus, ele lhe proporcionará o maior prazer que se pode desfrutar nesta vida e no porvir. Espero que isso confirme o seu desejo por “mais de Deus” — mesmo que esteja cercado de pessoas que acreditam já terem “o suficiente do Senhor”. Espero que esta obra gere confiança, caso você esteja questionando ou mesmo duvidando do compromisso da igreja. Quero alimentar esse questionamento e, ao mesmo tempo, garantir-lhe que há esperança.

Deus me colocou em Simi Valley, na Califórnia, para conduzir uma igreja de pessoas acomodadas a uma vida de risco e aventura. Acredito que ele queira ver em nós um amor tão grande a ponto de chegarmos a extremos para ajudar uns aos outros. Acho que ele deseja que sejamos conhecidos por nossa generosidade — nossa capacidade de doar tempo, dinheiro e talentos; ele quer dar início a um movimento de igrejas “doadoras”. Ao fazer isso, podemos aliviar o sofrimento no mundo e mudar a reputação da noiva de Cristo na terra. Certas pessoas, mesmo algumas em minha igreja, já me disseram de maneira curta e grossa: “Você é maluco!”. Mas não consigo imaginar minha vida dedicada a outra visão mais grandiosa que essa.

Precisamos parar de inventar desculpas por não acreditar em Deus. É provável que você já tenha ouvido esta afirmação: “Eu creio em Deus; só não acredito é nas religiões organizadas”. Acho

que as pessoas não diriam isso se a igreja vivesse, de fato, como é chamada a viver. Caso isso acontecesse, a frase mudaria para algo mais ou menos assim: “Não posso negar o que a igreja faz, mas não acredito no Deus deles”. Na pior das hipóteses, essas pessoas dirigiriam sua rejeição a Deus, em vez de usar a igreja como bode expiatório.

Vamos ver de que maneira a Bíblia indica que devemos viver a vida. É importante não usarmos as pessoas que nos cercam como medida para nossa saúde espiritual, pois elas são muito parecidas conosco. Para dar início a essa jornada, começaremos abordando a visão pouco precisa que temos a respeito de Deus e, conseqüentemente, de nós mesmos.

Antes, porém, de vermos o que está errado e tratarmos dessas questões, precisamos entender uma coisa. O problema primordial não é o fato de sermos cristãos mornos, sem entusiasmo ou estagnados. O ponto crucial disso tudo é o motivo de sermos assim, ou seja, temos uma visão imprecisa de Deus. Nós o vemos como um ser benevolente que se satisfaz em ver as pessoas dando um jeito de encaixá-lo em sua vida, mesmo que de alguma maneira bem limitada. Esquecemos que Deus nunca enfrenta crises de identidade. Ele sabe que é grandioso e merece ser o centro de nossa vida. Jesus veio de um modo humilde, como servo, mas não precisa implorar que lhe entreguemos uma parte menor de nosso ser. Ele controla todas as coisas, a começar por aqueles que o seguem.

Os primeiros três capítulos são absolutamente fundamentais para a compreensão deste livro. Embora algumas partes possam não constituir um material “novo” para você, permita que essas verdades sagradas o mobilizem à adoração. Oro para que a leitura das próximas páginas seja interrompida por momentos de louvor espontâneo e sincero a Deus. Permita que essas palavras trans-

mitam as antigas verdades ao seu coração, mas de uma maneira inteiramente nova.

Depois que o fundamento for estabelecido nos três primeiros capítulos, os últimos sete nos convocarão a uma introspecção. Vamos abordar a vida à luz do cerne da existência de Deus. Descobriremos o que está errado em nossas igrejas e, em última análise, em nós mesmos.

Convido você a me acompanhar nessa jornada. Não posso prometer que ela será trilhada sem sofrimento. Mudanças, como todos sabem, geram certo desconforto. Só depende de você reagir ao que está prestes a ler. Mas não lhe faltará oportunidade de escolher entre ajustar sua vida, dia após dia, ou continuar sendo a mesma pessoa.

⇅ CAPÍTULO 1

Pare de orar

E se eu dissesse a você: “Pare de orar”? O que aconteceria se eu pedisse a você que parasse de conversar com Deus por algum tempo e, ao invés disso, desse uma olhada cuidadosa e demorada nele antes de pronunciar a próxima palavra? Salomão fez o alerta: não devemos nos precipitar na hora de falar com Deus, apresentando-nos em sua presença apenas com as palavras. Isso é o que os tolos fazem. E geralmente é o que fazemos também.

Fazemos parte de uma cultura que confia mais na tecnologia que na comunidade, uma sociedade em que as palavras faladas e escritas são gratuitas, excessivas e pouco valorizadas. Nossa cultura diz que vale tudo; quase não se ouve falar a respeito do temor de Deus. Demoramos muito para ouvir, falamos precipitadamente e logo nos exasperamos.

O homem sábio se apresenta a Deus sem dizer uma palavra, e permanece em reverência diante dele. Contemplar o Deus invisível pode parecer um esforço inútil, mas Romanos 1:20 nos diz que, por intermédio da criação, podemos ver “os atributos invisíveis de Deus [...] e sua natureza divina...”

Vamos começar este livro contemplando Deus em silêncio. Neste exato momento, quero que você entre na internet e dê uma

olhada no vídeo *O fator reverência* no site <www.mundocristao.com.br/loucoamor> para provar um pouquinho do fator reverência diante de nosso Deus. É sério: faça isso agora.

Ficou sem saber o que falar? Impressionado? Prostrou-se em humildade?

Quando vi aquelas imagens pela primeira vez, *tive* de adorar. Não queria falar nem dividir aquele momento com ninguém. Só queria me sentar bem quietinho para admirar o Criador.

É uma loucura pensar que a maioria daquelas galáxias só foram descobertas nos últimos anos, graças ao telescópio Hubble. Elas já estavam no universo havia milhares de anos sem que os seres humanos sequer tivessem noção da existência delas.

Por que Deus teria criado mais de 350 bilhões de galáxias (e esta é uma estimativa conservadora) que tantas gerações de pessoas jamais viram ou mesmo imaginaram existir? Você acha que era somente para que disséssemos: “Puxa, Deus é mesmo incrivelmente grande.”? Ou será que Deus desejava que víssemos aquelas fotografias e reagíssemos dizendo: “Quem eu penso que sou?”.

R. C. Sproul escreveu: “Os seres humanos nunca se dão conta ou se convencem de sua insignificância enquanto não são confrontados com a majestade de Deus”.¹



Refleta comigo por um minuto e pense na complexidade de detalhes presente no outro lado da criação.

¹ *The Holiness of God*, Carol Stream: Tyndale House, 2000, p. 68.

Você sabia que uma lagarta possui 228 músculos separados e distintos na cabeça? Para um inseto, até que é pouco. Um olmo, árvore muito comum na Europa e na América do Norte, tem, em média, 6 milhões de folhas. E, ao bombear sangue para circular por todo o corpo, o coração humano gera pressão suficiente para espirrar sangue a uma distância de até quase dez metros. (Nunca fiz esse teste, e também não o recomendo.)

Você já parou para pensar em como Deus é criativo e diversificado? Ele não era obrigado a criar centenas de tipos diferentes de bananas, mas criou. Não tinha de colocar 3 mil espécies diferentes de árvores em um espaço equivalente a uma milha quadrada da floresta amazônica, e mesmo assim ele o fez. Deus não precisava criar tantos tipos de risadas. Pense a respeito dos diferentes sons de risadas de seus amigos — alguns deles cham, outros roncam, riem em silêncio, fazem muito barulho ou produzem ruídos desagradáveis.

Que tal pensar em como as plantas desafiam a gravidade ao conduzir água de baixo para cima, a partir do solo, até chegar a seus troncos e ramos? Você sabia que as aranhas produzem três tipos de seda? Quando elas tecem suas teias, fabricam quase vinte metros de seda em apenas uma hora. Ao mesmo tempo, produzem um óleo especial nas patas; ele evita que as aranhas fiquem grudadas na própria teia. (A maioria das pessoas detesta aranhas, mas quase vinte metros de seda por hora merecem respeito!) Os corais são tão sensíveis que morrem se a temperatura da água variar um ou dois graus.

Você sabia que, quando uma pessoa fica arrepiada, o pêlo está, na verdade, ajudando o corpo a se manter aquecido, enganando o controle da temperatura corporal? Já parou para pensar no simples fato de as plantas reterem dióxido de carbono (que é prejudicial aos seres humanos) e produzirem oxigênio (do qual precisamos para sobreviver)? Tenho certeza de que você já sabia

disso, mas já parou para se maravilhar diante dessa realidade? E essas mesmas plantas que ingerem veneno e produzem vida são geradas a partir de sementes minúsculas que foram espalhadas pela terra. Algumas foram regadas, outras não. No entanto, depois de alguns dias, elas abriram passagem por dentro do solo até alcançar o calor dos raios de sol.

Sejam quais forem as razões de Deus para tanta diversidade, criatividade e sofisticação no universo, na terra e até mesmo em nosso corpo, o objetivo de tudo isso é a glória do Senhor. A arte divina fala a respeito de Deus, refletindo quem ele é e como ele é.

Os céus declaram a glória de Deus; o firmamento proclama a obra das suas mãos. Um dia fala disso a outro dia; uma noite o revela a outra noite. Sem discurso nem palavras, não se ouve a sua voz. Mas a sua voz ressoa por toda a terra, e as suas palavras, até os confins do mundo.

Salmos 19:1-4

É por isso que somos chamados a adorar o Senhor. Sua arte, a obra de suas mãos e sua criação, tudo ecoa a mesma verdade: Deus é glorioso. Não há nenhum outro como ele. É o Rei dos reis, o Início e o Fim, aquele que é, que foi e que há de vir. Sei que você já ouviu isso antes, mas não quero que deixe essa verdade lhe escapar.

Às vezes, sinto dificuldade em imaginar a maneira mais apropriada de reagir diante da magnitude de Deus em um mundo inclinado a ignorá-lo ou, no máximo, tolerá-lo. Mas saiba de uma coisa: Deus não deve ser tolerado. Ele nos orienta a adorá-lo e temê-lo.

Volte um pouco e leia novamente os últimos dois parágrafos. Vá até o *site* <www.mundocristao.com.br/loucoamor> e assista ao

vídeo *Pare e pense*, de quinze minutos. Feche este livro, se achar necessário, e medite sobre o Deus poderoso que habita na luz inacessível, o glorioso Senhor.



Há uma epidemia de amnésia espiritual rondando por aí, e nenhum de nós está imune a ela. Não importa quantos detalhes fascinantes tenhamos aprendido sobre a criação de Deus; não importa quantas fotografias vejamos das galáxias que ele criou; não importa quantos crepúsculos venhamos a contemplar — nós nos esqueceremos.

A maioria de nós sabe que fomos criados para amar e temer a Deus; que devemos ler a nossa Bíblia e orar ao Senhor, pedindo para conhecê-lo melhor; que temos o dever de adorá-lo com nossa vida. Mas pôr essas coisas em prática é um grande desafio.

Ficamos confusos quando encontramos dificuldade para amar o Senhor. Não deveria ser fácil amar um Deus assim, tão maravilhoso? Quando amamos o Senhor por achar que *temos* de amá-lo, em vez de fazê-lo de maneira sincera, do fundo de nosso ser, significa que nos esquecemos de quem ele é. Nossa amnésia está se manifestando mais uma vez.

Pode parecer meio “não-cristão” dizer que, em certas manhãs, não me sinto como se amasse Deus. Mas é isso o que acontece. Em nosso mundo, onde centenas de coisas servem para nos distrair e fazer que esqueçamos do Senhor, devemos nos lembrar dele de maneira deliberada e freqüente.

Há algum tempo, participei da reunião de minha turma do colégio de ensino médio. Por várias vezes, as pessoas vinham e

perguntavam: “Ela é *sua* esposa?”. Acredito que elas ficavam impressionadas ao ver como uma mulher tão linda tinha se casado com um cara como eu. Isso aconteceu tantas vezes que dei uma boa olhada em uma fotografia nossa. Também fiquei espantado com o que vi. É *mesmo* extraordinário o fato de minha esposa fazer a opção de ficar comigo — e não digo isso apenas porque ela é bonita. Isso me fez lembrar a plenitude das coisas que me foram concedidas na pessoa de minha esposa.

Precisamos dos mesmos tipos de lembretes quando se trata da bondade de Deus. Somos programados para nos concentrar naquilo que não temos, bombardeados várias vezes durante o dia com a lembrança do que precisamos comprar e que nos farão mais felizes, mais bonitos ou nos proporcionarão paz de espírito. Essa insatisfação é automaticamente transferida para aquilo que pensamos a respeito de Deus. Esquecemos que já temos tudo quanto precisamos nele. Por não pensarmos com frequência sobre a realidade de quem Deus é, temos muita facilidade de esquecer que o Senhor é digno de ser adorado e amado. Nossa postura deve ser de temor a ele. A.W. Tozer escreveu:

O que vem à nossa mente quando pensamos em Deus é a coisa mais importante no que diz respeito à nossa própria pessoa [...] A adoração é pura ou vil conforme os pensamentos elevados ou inferiores que o adorador alimenta em relação a Deus. Por este motivo, o assunto mais grave para a Igreja é sempre Deus, Ele mesmo; e o mais portentoso fato a respeito de qualquer homem não é o que poderá dizer ou fazer num dado momento, mas sim a imagem que ele tem de Deus, no fundo do seu coração.²

² *Mais Perto de Deus*, São Paulo: Mundo Cristão, 2007, 2ª ed. p. 7.

Se “a questão mais importante” que temos diante de nós é mesmo nossa concepção de Deus, como aprendemos a conhecê-lo?

Vimos há pouco que ele é o Criador tanto da magnitude das galáxias quanto da complexidade das lagartas. Mas como é esse Deus? Quais são suas características? Quais são os atributos que o definem? Como devemos temê-lo? Como falar com ele? Pense nisso sem pressa. Temos de ser lembrados de todas essas coisas. Elas são básicas e cruciais para a fé.

Deus é santo. Muita gente diz que, seja qual for a sua crença a respeito de Deus, está ótima, desde que você creia com sinceridade. Mas isso pode ser comparado a descrever um amigo como um lutador de sumô de 135 quilos, em determinada ocasião, e um ginasta de 41 quilos e 1,5 metro de altura, em outra. Não importa quão sincero você seja, é impossível que as duas descrições da mesma pessoa sejam verdadeiras.

O mais absurdo de fazer a mesma coisa em relação a Deus é que ele já tem um nome, uma identidade. Não temos de decidir quem Deus é. “Disse Deus a Moisés: ‘Eu Sou o que Sou’” (Êx 3:14). Não podemos mudar isso.

Declarar que Deus é santo equivale a dizer o seguinte: ele está separado, é distinto de nós. Por essa razão, não podemos penetrar na profundidade de quem Deus é, de maneira alguma. Para os judeus, dizer alguma coisa três vezes era uma maneira de demonstrar perfeição. Por isso, quando Deus é chamado “Santo, Santo, Santo”, o objetivo é dizer que ele é perfeito, perfeitamente separado; nada ou ninguém pode ser comparado a ele. É *isso* que significa ser “santo”.

Muitos autores cheios do Espírito Santo esgotaram o dicionário no esforço de descrever Deus com a glória que ele merece. Sua santidade perfeita, por definição, nos assegura que nossas palavras

não podem contê-lo. Não é motivo de consolo adorar um Deus cuja descrição nunca pode ser considerada exagerada?

Deus é eterno. A maioria de nós provavelmente concorda com essa afirmação, mas você já parou para meditar a sério a respeito de seu significado? Cada pessoa teve um começo; todas as coisas que existem começaram em um determinado dia, em um tempo específico.

Tudo, é claro, com exceção de Deus. Ele sempre existiu, desde antes da criação da terra, do universo ou mesmo dos anjos. Deus existe além do tempo, e, como nossa vida está inserida no tempo, não há nenhuma maneira de, um dia, assimilarmos esse conceito em sua totalidade.

Não ser capaz de entender Deus plenamente é um pensamento um tanto frustrante, mas é ridículo achar que temos o direito de limitar o Senhor a algo que sejamos capazes de compreender. Que Deus raquítico e insignificante seria *esse!* Se minha mente tem o tamanho de uma latinha de refrigerante e Deus tem a dimensão de todos os oceanos juntos, seria uma estupidez de minha parte dizer que ele se limita à capacidade de água que cabe dentro de minha latinha. Deus é muito maior e está infinitamente além de nossa vida limitada pelo tempo, tão dependente de ar, alimento e sono.

Por favor, dê uma parada aqui, mesmo que seja por um momento, e glorifique o Deus eterno: “Tu, porém, SENHOR, no trono reinarás para sempre; o teu nome será lembrado de geração em geração [...] Mas tu permaneces o mesmo, e os teus dias jamais terão fim” (Sl 102:12,27).

Deus sabe de todas as coisas. Você não se sente intimidado diante desse pensamento?

Cada um de nós, em maior ou menor grau, consegue enganar os amigos e a família no que concerne a quem realmente somos.

Mas é impossível fazer a mesma coisa com Deus. Ele conhece cada pessoa de maneira profunda e específica. Ele conhece nossos pensamentos antes mesmo que eles cheguem à mente, e nossas ações antes que as pratiquemos, seja o simples ato de deitar, de sentar ou de caminhar por aí. Deus sabe quem somos e quais são as nossas tendências. Não podemos fugir da presença dele; mesmo que quiséssemos, não conseguiríamos. Por mais que eu me esforce na tentativa de ser fiel ao Senhor e precise de um pouco de descanso, isso não chega a surpreendê-lo.

No caso de Davi, o conhecimento de Deus o impelia à adoração. Ele encarava esse conhecimento como algo maravilhoso e muito significativo. Ele escreveu, no salmo 139, que, mesmo em meio a trevas, não conseguiria se esconder de Deus; que até mesmo enquanto esteve no ventre de sua mãe, o Senhor estava ali com ele.

Hebreus 4:13 diz: “Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas”. É sinal de sensatez entender que esse mesmo Deus é eterno e santo, o Criador de bilhões de galáxias e de milhares de espécies de árvores na floresta tropical. Esse é o Deus que dedica tempo para conhecer todos os pequenos detalhes a respeito de cada pessoa. Ele não era obrigado a nos conhecer assim tão bem, mas foi essa a escolha que fez.

Deus é todo-poderoso. Colossenses 1:16 nos afirma que tudo foi criado *para* Deus: “pois nele foram criadas todas as coisas nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis, sejam troncos ou soberanias, poderes ou autoridades; todas as coisas foram criadas por ele e para ele”.

Pare e pense: será que, ao invés disso, não estamos vivendo como se Deus tivesse sido criado apenas *para* nós, para *nos* servir, para *nos* abençoar e para tomar conta das pessoas que *nós* amamos?

Salmos 115:3 apresenta esta revelação: “O nosso Deus está nos céus, e pode fazer tudo o que lhe agrada”. Ainda assim, continuamos questionando o Senhor de várias maneiras. “Por que o senhor me criou com este corpo, em vez de me dar aquele?”; “Por que tanta gente no mundo morre de fome?”; “Por que há tantos planetas sem vida espalhados pelo espaço?”; “Por que minha família é tão complicada?”; “Por que o senhor não se revela de uma maneira mais clara para as pessoas que precisam de sua ajuda?”.

A resposta a cada uma dessas perguntas é simplesmente esta: ele é Deus. Ele tem mais do que o direito de nos perguntar por que tantas pessoas estão morrendo de fome. Por mais que queiramos reivindicar de Deus explicações a respeito de sua pessoa e de sua criação, não temos nenhuma condição de exigir que ele preste contas a nós. “Todos os povos da terra são como nada diante dele. Ele age como lhe agrada com os exércitos dos céus e com os habitantes da terra. Ninguém é capaz de resistir à sua mão ou dizer-lhe: ‘O que fizeste?’” (Dn 4:35).

Você é capaz de adorar um Deus que não é obrigado a dar explicações a respeito de seus atos? Será que não é arrogância de sua parte pensar que Deus lhe deve satisfações?

Acredita mesmo que, em comparação com Deus, “todas as pessoas da terra são como nada”, incluindo você?

Deus é justo. Uma definição de justiça é: “Recompensa e/ou castigo em razão de merecimento”. Se alguém nos perguntasse o que merecemos, acabaríamos com tantas respostas diferentes quanto as pessoas que respondessem. Mas isso não depende de nós, principalmente porque ninguém é suficientemente bom.

Deus é o único ser realmente bom, e é ele quem estabelece os padrões de bondade. Por odiar o pecado, ele tem de castigar os pecadores. Talvez não seja um padrão dos mais simpáticos para nós, mas sejamos francos: quem é dono do universo tem a

prerrogativa de estabelecer o padrão que bem entender. Quando discordamos, não temos o direito de achar que é o raciocínio de Deus que precisa mudar.

É preciso muito esforço para compreender o ódio total que Deus sente em relação ao pecado. Inventamos desculpas como: “Sim, sou uma pessoa meio orgulhosa de vez em quando, mas todo mundo tem alguma dificuldade para controlar o orgulho”. No entanto, Deus afirma, em Provérbios 8:13: “Odeio o orgulho e a arrogância...”. Nem eu nem você temos permissão para determinar até que ponto Deus pode ou não detestar o pecado. Ele pode odiar e castigar o pecado tão severamente quanto a justiça divina o exigir.

Deus nunca justifica o pecado. E ele é sempre coerente com essa ética. Toda vez que começarmos a questionar esse conceito, tudo o que precisamos fazer é pensar na cruz, onde o Filho de Deus foi torturado, escarnecido e espancado por causa do pecado. O *nosso* pecado.

Não há nenhuma dúvida a respeito disto: Deus odeia o pecado e deve puni-lo. E ele é totalmente justo ao fazer isso.

Diante do trono

Até agora, falamos sobre coisas que podemos ver com os próprios olhos — coisas que sabemos a respeito da criação e alguns dos atributos de Deus de acordo com aquilo que a Bíblia nos revela. Mas muitas facetas de Deus ultrapassam nossa compreensão. Ele não pode ser contido por este mundo, explicado por meio de nosso vocabulário nem assimilado por nossa compreensão.

Ainda assim, em Apocalipse 4 e Isaías 6, temos dois vislumbres distintos da sala do trono celestial. Permita-me desenhar uma imagem descritiva dessas passagens.

Em Apocalipse, quando João relata sua experiência de contemplar o próprio Deus, é como se ele tivesse dificuldade para

encontrar palavras terrenas que descrevam de maneira adequada a visão com a qual foi privilegiado. O apóstolo descreve o Ser sentado no trono comparando seu aspecto ao de duas pedras, “jaspe e sardônio”, e a área em torno do trono como um arco-íris “parecendo uma esmeralda”. Deus, aquele que estava no trono, tem um aspecto mais parecido com o de pedras radiantes do que com carne e sangue.

Esse tipo de imagem poética e artística pode ser de difícil compreensão para aqueles que não pensam da mesma maneira. Por isso, tente imaginar o mais extraordinário pôr-do-sol que já tenha visto. Consegue se lembrar das cores radiantes espalhadas pelo céu e de como você parou para admirar aquele cenário? E de como as palavras “puxa” e “lindo” pareciam insuficientes para descrever a cena? Aí está um pouquinho do que João está falando, em Apocalipse 4, ao tentar articular sua visão da sala do trono celestial.

O apóstolo descreve “relâmpagos” e “trovões” vindos do trono de Deus, um trono que não deve parecer com nenhum outro já visto. Ele escreve que, diante do trono, estão colocadas sete lâmpadas de fogo e algo como um mar de vidro, cuja semelhança era a do cristal. Usando palavras comuns, ele faz o melhor que pode para descrever um lugar celestial e um Deus santo.

O mais intrigante para mim é como João descreve aqueles que estão em volta do trono. Primeiro, há 24 anciãos vestidos de branco e usando coroas de ouro. Em seguida, o apóstolo relata a presença de quatro seres alados com olhos cobrindo todo o corpo e as seis asas que cada um possui. Um tem o rosto de um leão, o outro de um boi, o terceiro de um homem e o quarto de uma águia.

Tento imaginar como seria se eu visse uma dessas criaturas no meio da floresta ou em uma praia. É bem provável que eu

desmaiasse! Seria aterradora a visão de um ser com o rosto de um leão e coberto de olhos por todo o corpo.

Como se a visão de João já não fosse suficientemente estranha e extravagante, ele nos diz, em seguida, o que os seres estavam dizendo. Os 24 anciãos lançam suas coroas de ouro diante daquele que estava sentado sobre o trono, se prostram em sua presença e dizem: “Tu, Senhor e Deus nosso, és digno de receber a glória, a honra e o poder, porque criaste todas as coisas, e por tua vontade elas existem e foram criadas”. Ao mesmo tempo, as quatro criaturas não param (noite e dia) de dizer: “Santo, santo, santo é o Senhor, o Deus todo-poderoso, que era, que é e que há de vir”. Tente se imaginar dentro daquela sala, cercado pelos anciãos declarando que Deus é digno de glória, honra e poder, e as criaturas afirmando que Deus é santo.

O profeta Isaías também teve uma visão de Deus na sala do trono, mas dessa vez a imagem é mais objetiva: “... eu vi o Senhor assentado num trono...”.

Uau! Isaías viu aquilo e sobreviveu? Os israelitas se escondiam toda vez que Deus passava pelo campo porque temiam muito olhar para ele, mesmo que pelas costas, conforme se afastava. Tinham medo de que a visão de Deus os levasse à morte.

Isaías, porém, olhou e viu Deus. Ele escreve que “a aba de sua veste enchia o templo”, e que “acima dele estavam serafins”. Cada serafim tinha seis asas, como as criaturas que João descreve no livro de Apocalipse. Isaías diz que eles proclamavam uns aos outros: “Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos, a terra inteira está cheia da sua glória”. Em seguida, os fundamentos foram abalados e uma fumaça tomou conta da casa, o que se assemelha à descrição que João faz a respeito de raios e trovões.

O relato de Isaías é menos detalhado que o de João, mas o profeta fala mais sobre sua reação ao se encontrar na sala do trono

de Deus. Suas palavras reverberam no rastro da descrição da sala cheia de fumaça e dos fundamentos abalados: “Ai de mim! Estou perdido! Pois sou um homem de lábios impuros e vivo no meio de um povo de lábios impuros; os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” Então, um dos serafins leva a Isaías uma brasa viva que estava queimando no altar. A criatura toca a boca do profeta com o carvão ardente e diz que a culpa de Isaías foi “removida”.

Ambas as descrições servem ao mesmo propósito. A de João nos ajuda a imaginar como é a sala do trono de Deus, enquanto a de Isaías nos faz lembrar como deve ser nossa única reação diante de um Deus como esse.

Que o clamor de Isaías possa ser o nosso também. Ai de nós... somos um povo de lábios impuros!



Talvez você precise respirar fundo depois de refletir a respeito do Deus que criou as galáxias e as lagartas, aquele que está entronizado e que é eternamente louvado por seres tão fascinantes que, se fossem fotografados, seriam assunto dos principais programas jornalísticos durante semanas. Se você não ficou impressionado com o que acabou de ler, abra sua Bíblia em Isaías 6 e Apocalipse 4; leia os relatos em voz alta e bem devagar, fazendo o melhor que puder para imaginar o que os autores estão tentando descrever.

A maneira mais apropriada de terminar este capítulo é a mesma que usamos no começo: permanecendo em silêncio reverente diante de um Deus poderoso e temível, cuja tremenda glória se torna cada vez mais evidente conforme a comparamos com nossa insignificância.